

Considerações sobre a Comercialização

Agrícola no Estado do Rio de Janeiro a partir da CEASA-RJ

Rogério dos Santos Seabra*

RESUMO

O sistema CEASA-RJ foi criado na década de 70 com o intuito de atuar no mercado, na produção, no atacado e no varejo de gêneros agrícolas. A unidade CEASA-RJ concentrava grande parte da produção rural do estado para posteriormente distribuí-la para os diversos varejistas (feirantes, supermercados, "sacolões").

A atual configuração do espaço fluminense, na vertente da comercialização, está se reestruturando a

partir da redução do papel central do sistema CEASA-RJ, uma vez que sua participação na distribuição para os varejistas tem diminuído devido ao crescimento das grandes redes de supermercado, que detêm seus próprios sistemas de compra, armazenagem e distribuição de produtos rurais.

PALAVRAS-CHAVE

Comercialização agrícola; abastecimento; CEASA-RJ.

INTRODUÇÃO

A metrópole carioca é um grande mercado consumidor de produtos rurais, pois concentra 75% da população fluminense (Ribeiro, 2002). Vários fluxos de comercialização de produtos rurais convergem para a área metropolitana, utilizando-se de sua estrutura, organizando as articulações urbanas também em função desses fluxos (Corrêa, 1985).

A grandiosidade deste mercado habilita a atuação de diversos atores, como feirantes, "sacolões", supermercados e "atravessadores", cuja ação provoca diferenças de preço, qualidade e quantidade de produtos. Portanto, caracterizar e identificar as possíveis deficiências na rede de comercialização agrícola do estado do Rio de Janeiro torna-se necessário.

O estudo da comercialização feito a partir da CEASA-RJ torna-se interessante porque é neste

fixo que se concentra boa parte da produção comercializada no Rio de Janeiro, além de servir como uma espécie de bolsa de valores para os produtos agrícolas.

A investigação priorizou a dimensão espacial deste comércio retratando os fixos e fluxos gerados pelo sistema de comercialização, por seus agentes e pelas artérias utilizadas nesse processo, e, ainda, as conseqüências desta dinâmica no espaço fluminense.

Para a aferição desta realidade, foram realizados trabalhos de campo, principalmente na CEASA-RJ, com produtores do pavilhão 21 (pavilhão dedicado exclusivamente a produtores do estado do Rio de Janeiro para comercialização de sua própria produção) e de outros pavilhões, visando a estabelecer quem são os fornecedores (de onde vem a produção comercializada na CEASA-RJ) e quem são os compradores (para onde vai a produção), estruturando o comércio

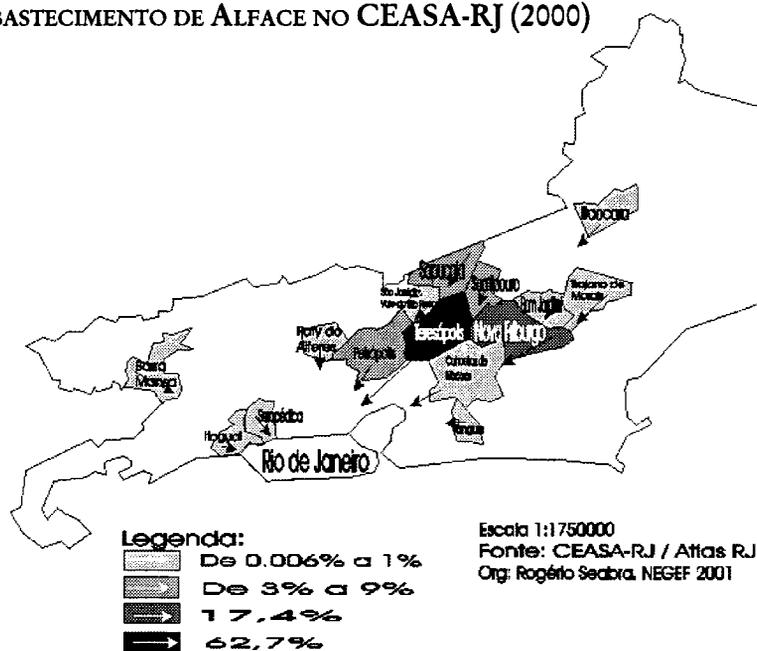
agrícola do Rio de Janeiro por meio das interações espaciais (Corrêa, 1997) entre as áreas de produção e comercialização.

Nos supermercados, foram realizadas entrevistas com o objetivo de identificar a origem dos produtos agrícolas vendidos nas principais redes do Rio de Janeiro, analisando o preço de revenda

da rede, o preço de venda na CEASA-RJ e de alguns produtores.

A partir de dados da CEASA-RJ (Figura 1), elaborou-se um mapa sobre a origem de alguns produtos comercializados na unidade do Rio de Janeiro e a intensidade das interações espaciais da unidade com o as áreas produtoras do estado.

FIGURA 1 - ABASTECIMENTO DE ALFACE NO CEASA-RJ (2000)



A CENTRAL DE ABASTECIMENTO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – CEASA-RJ

O sistema de produção agrário exportador existente no Brasil desde a sua colonização contribuiu para a atual configuração do abastecimento de produtos agrícolas, já que este modelo de produção era voltado para o mercado exterior, em regime de latifúndio, em detrimento da produção para o consumo interno. O processo de importação de alimentos era a solução, porém os preços eram extremamente altos, porque os comerciantes que faziam a distribuição obtinham grande margem de lucro (Lavinias; Nabuco, 1992).

A crise no abastecimento interno acentuou-se com o crescimento urbano, no final do século XIX, somado a valorização do café no mercado internacional, direcionando a produção agrícola do Brasil. Entretanto, este crescimento levou à criação de um pequeno mercado consumidor nacional e ao aparecimento de uma pequena produção voltada para o mercado interno. Porém, a precariedade na logística da época facilitava a ação dos intermediários, mantendo o sistema de abastecimento precário para grande parte da população do Rio de Janeiro (Lavinias; Nabuco, 1992).

Neste contexto, foi feita a primeira intervenção governamental sobre o abastecimento no Brasil. Em 1918, surgiu o “Comissariado de Alimentação Pública”, com o objetivo principal

de impor uma tabela de preços para alimentos no varejo.

Várias ações foram propostas pelo governo com a intenção de melhorar o sistema de comercialização. Até que, na década de 60, o Governo Federal projetou o sistema de Centrais de Abastecimento que, segundo seu estatuto, tem o objetivo de promover, desenvolver, dinamizar, organizar a produção e a distribuição, atuando na produção, atacado e varejo, sendo uma centralidade na rede de comercialização.

A CEASA-RJ nasceu como uma sociedade de economia mista da qual faziam parte os governos Federal e Estadual. Criada por meio do Decreto de 20 de maio de 1970, foi estadualizada pelo Decreto Lei nº 228, de 21 de dezembro de 1988. Localizada na Av. Brasil nº 19001, aproveita uma importante via de acesso ao Rio de Janeiro. A Central de Abastecimento funciona em pavilhões permanentes onde ficam os comerciantes (pessoas jurídicas) que recebem e revendem a produção de vários estados. Há, ainda, lojas de plásticos e embalagens em geral, importantes para a constituição do preço final do produto e, logo, outra variável significativa para o estudo.

Existe, também, uma área livre no pavilhão 21, onde os produtores do Rio de Janeiro, por meio de concessões da CEASA-RJ, adquirem o direito a uma pedra (marcação no chão do pavilhão onde os produtores expõem sua mercadoria) que lhes permite comercializar a produção. Para obter essa concessão, é necessário apresentar a documentação da terra (existe um limite mínimo de hectare de acordo com o produto), o boletim de produção da EMATER-RIO (ocorre a comercialização apenas do produto liberado pela EMATER. No boletim deve conter cultura, estágio da cultura, área de plantio, produção prevista, período da colheita. A EMATER, além de fornecer o boletim, orienta o produtor sobre o melhor produto), a nota fiscal e o atestado médico do produtor.

De acordo com as pesquisas realizadas, observou-se que 51,3% dos comerciantes do pavi-

lhão 21 são provenientes dos municípios de Nova Friburgo e Teresópolis. Por este motivo, a maioria dos produtos comercializados no local vem da Região Serrana, que estabelece uma forte interação com esta unidade da Ceasa.

Entretanto, a origem dos produtos de maneira geral na CEASA-RJ é mais diversa. São Paulo, por exemplo, contribui com 34,68% das frutas nacionais e 77,21% das aves e ovos (Análise da comercialização do CEASA-RJ, maio e junho de 2001).

Um dos principais produtos da Zona Serrana Fluminense comercializados na CEASA-RJ é a alface. De toda a alface comercializada, 99,1% são de origem fluminense, sendo os municípios de Nova Friburgo e Teresópolis responsáveis por 80% deste percentual.

A variação do fluxo de veículos na CEASA-RJ respeita a relação safra e entressafra. Em maio, quando 31 produtos são comercializados (entre eles, cenoura, laranja lima e repolho), cerca de 11.000 veículos entram na Central de Abastecimento. Já em setembro, há apenas 16 produtos sendo negociados, e a média diminui para aproximadamente 4.500 veículos. Esta relação remete a outro problema. Na safra, o preço pago é ínfimo, desestimulando o produtor. Na entressafra, o preço aumenta, encorajando os produtores. Esta relação de variação no preço (safra e entressafra) fora observada por Becker (1966), mantendo-se até hoje no sistema de comercialização da CEASA-RJ.

Outra forma de saída dos produtos é por meio de varejões volantes. Este programa estadual teve início a partir do aproveitamento de ônibus da antiga empresa do estado (CTC). A frota foi adaptada com gôndolas e balanças para o comércio de frutas e legumes e leva alimentos às áreas carentes, principalmente da metrópole, a preço único por quilo, em média 30% menor que o dos comerciantes locais.

As áreas atendidas devem, além de ser consideradas carentes, ter boa perspectiva de vendas, ou seja, elevado número de habitantes e renda.

É o caso da Barra da Tijuca, atendida oito vezes, e da Gávea, duas vezes. Já o Complexo do Alemão, da Maré e do Vidigal receberam a visita do varejão volante apenas uma vez na semana, no período de 18/09/2001 – 23/09/2001.

Os principais compradores da Central de Abastecimento são pequenos comerciantes (feirantes e “sacolões”) de áreas não atendidas por grandes redes de supermercados, ou áreas de baixa renda.

Os pequenos estabelecimentos localizados em áreas carentes atraem consumidores locais geralmente pela prática de venda a prazo (fiado).

O PAPEL DOS SUPERMERCADOS NA COMERCIALIZAÇÃO AGRÍCOLA

O crescimento de grandes redes de supermercados reorganizou a comercialização agrícola. Os supermercados vêm criando redes próprias de comercialização, ou seja, desvinculando suas compras de um atacadista (CEASA-RJ), formando redes de compras diretamente dos produtores ou de cooperativas e plataformas de distribuição particulares.

Além disto, os supermercados se informatizaram. Por meio do sistema ECR, resposta eficiente ao consumidor, em que os caixas ficam ligados ao estoque e aos computadores da central da rede, fica mais fácil controlar a quantidade de produtos vendidos e que devem ser comprados. É possível, ainda, determinar a preferência dos consumidores de cada filial, ou de todas as filiais, otimizando as vendas. Por isso, é importante analisar a atuação destes mercados, uma vez que eles dominam o varejo, estabelecendo uma dinâmica própria ao sistema de abastecimento no estado do Rio de Janeiro.

A captação de dados em grandes redes de supermercados, no entanto, é dificultada pela recusa dos mesmos em divulgar as informações. Neste ensaio, é utilizada como exemplo a rede de supermercado Zona Sul, única a disponibilizar

os dados sobre a aquisição e a comercialização dos produtos hortigranjeiros de suas unidades.

Aproximadamente cerca de 75% das frutas, legumes e hortaliças comercializados na rede Zona Sul vêm do estado de São Paulo e são adquiridos diretamente dos produtores, exceto a alface, adquirida tanto no CEASA-RJ como no Mercado do Produtor, localizado na Zona Serrana Fluminense.

Segundo um gerente da rede, o supermercado não efetua mais suas compras na CEASA-RJ porque o produto comercializado na Central é considerado de qualidade inferior à exigida pelos clientes da rede, que tem suas filiais localizadas em bairros de alto poder aquisitivo na cidade do Rio de Janeiro.

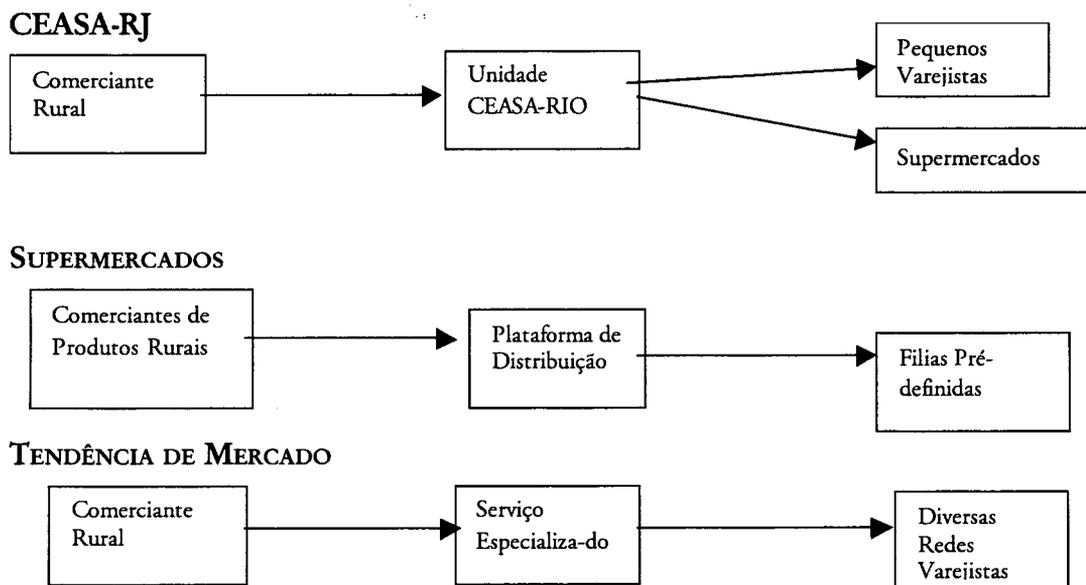
CONCLUSÕES PRELIMINARES

Com base nos trabalhos de campo realizados na CEASA-RJ, constata-se que todo um pavilhão destinado à distribuição para os supermercados está desativado, pois os mesmos, buscando melhorar os preços e a qualidade das mercadorias, criaram suas próprias redes de cooptação de gêneros agrícolas.

Observa-se a mudança no processo de comercialização dos produtos, já que a CEASA-RJ não mais os regula e distribui os produtos agrícolas como fazia, perdendo parte da importância que tinha. Atualmente, outros atores, como as redes de supermercados, dividem com a CEASA-RJ esta função. Surge, assim, uma nova estrutura de comercialização e que se encontra esquematizada na figura 2.

Na atual configuração da comercialização agrícola no estado do Rio de Janeiro, a CEASA-RJ ficou com a função de concentrar a produção, geralmente de pequenos produtores, e redistribuí-la para pequenos varejistas (feirantes, “sacolões”), tornando-se responsável pelo atendimento de produtores e comerciantes não incluídos no sistema de comercialização das gran-

FIGURA 2 - ESTRUTURA DE COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS NO RIO DE JANEIRO - 2000



des redes de supermercado. A unidade CEASA-RJ mantém, entretanto, uma importante função de regulação nos preços praticados em todo mercado, servindo de preço base para negociações de compra e venda de produtos rurais em várias estruturas de comercialização.

As grandes redes concentram as compras (direto dos produtores, em cooperativas, em atacadistas etc.) em plataformas de distribuição e enviam os produtos para as filiais de acordo com a demanda, sem estabelecer unidades de compra no espaço da CEASA-RJ.

É interessante notar a presença crescente de serviços especializados na rede de comercialização, ou seja, lojas especializadas em alguns produtos que estabelecem vendas consorciadas com diversas redes de supermercados, aumentando a gama de atores na rede de comercialização.

NOTAS

- * Graduando do curso de Geografia da UERJ. Bolsista do Núcleo de Estudos de Geografia Fluminense NEGEF, Departamento de Geografia da UERJ. Artigo aceito para publicação em fevereiro de 2003. E-mail: rsseabra@bol.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, B. O Mercado Carioca e seu Sistema de Abastecimento. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. XXVII, n. 2, abr./maio 1966. p. 31-60.
- CEASA-RJ. Unidade Grande Rio. Análise da Comercialização. Maio/jun. 2001.
- CORRÊA, R. L. *A Rede Urbana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1985. 96p.
- _____. Organização Espacial. In: CORRÊA, R. L. *Região e Organização Espacial*. Rio de Janeiro: Ática, 1986. p. 51-84.
- _____. Interações Espaciais. In: CASTRO, I.; GOMES, P. C.; CORREA, R. L. (Orgs.). *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.
- LAVINAS, L; NABUCO, Maria Regina (Coord.). *Crise, abastecimento e uso do solo* - Relatório Parcial IV. Rio de Janeiro. Dez. 1992. 107p.
- RIBEIRO, M. A. Considerações Sobre o Espaço Fluminense: Estrutura e Transformações. In: MARAFON, G; RIBEIRO, M. *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002. p. 13-26.

ABSTRACT

The CEASA-Rio de Janeiro was created in the decade of 70 with intention to act in the market, the production, the wholesale and the retail. The unit Ceasa-Rio, "main knot of the net", was an important point therefore concentrated great part of the agricultural production of the state and distributing it for the diverse retailers (feirantes, supermarkets, "sacolões"). The current configuration of the state of Rio de Janeiro, in the source of the commercialization, is if reorganizing to exactly break in the reduction of the central paper of the system Ceasa-Rio

de Janeiro in the concentration and mainly in the distribution for the retailers, must this reorganization to the growth of the supermarket, which withhold its proper systems of purchase, storage and distribution of the agricultural products. This article presents some characteristics of the state of Rio de Janeiro commercialization pointing some changes and projections of this significant market.

KEYWORDS

Agricultural commercialization; supplying; CEASA-RJ.